

ANÁLISE DE TESTEMUNHO DE PARTO

II

DESCRIÇÃO: Parto hospitalar induzido, vaginal, com epidural, sem episiotomia, às 41 semanas e 5 dias. Monitorização intermitente e contínua.

No dia 13 de Maio à noite, estava eu com o marido a ver o filme "The Blues Brothers" (bastante divertido!!) quando começo a sentir umas contracções de 15 em 15 minutos. Estava contente por senti-las, porque significava que o parto devia estar para breve, mas não lhes dei muita importância... provavelmente ainda não seria daquela vez. Mas elas não paravam, mesmo depois de nos termos ido deitar. Começaram a ficar mais frequentes, de 10 em 10 minutos. Ainda adormeci, mas acordei às 5 da manhã com dores mais fortes já de 5 em 5 minutos. Pensei "será desta??" Para não me precipitar, ainda me deixei ficar deitada mais 1 hora e 30 minutos para ver se elas se mantinham. E mantiveram! Como me tinham dito que devia ir para a maternidade quando sentisse contracções de 5 em 5 minutos, acordei o marido e disse-lhe "acho que é desta! 'Bora para o hospital!" Ainda fui com calma juntar as coisas para levar, tomar duche e comer alguma coisa (uma bela tigelada de papa Cerelac para dar energia!)... Às 7:00 da manhã de dia 14 lá fomos... bastante nervosos e contentes.

Cheguei ao hospital, inscrevi-me nas urgências para a maternidade e subi. O corredor de lá, tão cheio nas últimas semanas em que fui seguida no hospital, estava vazio e silencioso. Ainda tinha as luzes acesas, pois a manhã mal tinha clareado. Foi uma sensação estranha... Tocámos à campainha para me deixarem entrar e fui atendida por um médico bastante carrancudo. Quando viu as minhas semanas de gravidez (41s + 5d) ainda ficou mais carrancudo e perguntou quem era a médica que me seguia ali... É que com aquelas semanas já deviam ter procedido à indução de parto, e era de facto o que a minha médica queria, mas rejeitei na altura. Achei que, se estava tudo bem com o bebé e comigo, podia muito bem esperar até pelo menos às 42 semanas para ver se o parto começava naturalmente. Assim o fiz, assinei um termo de responsabilidade e 2 dias depois começaram as contracções. É claro que o médico me olhou de lado por eu ter

Comentário [mmq1]: Informação errónea, propiciadora da admissão hospitalar prematura, como se veio a verificar mais tarde.

Comentário [mmq2]: Informação errónea indiciadora de abuso obstétrico.

Comentário [mmq3]: Exemplo prático do exercício do direito à recusa informada, perfeitamente justificada, perante uma gravidez de baixo risco, encontrando-se bem, quer o bebé, quer a mãe, sem que se tivessem completado as 42 semanas de gestação. O exercício consciente e informado deste direito pode assumir grande relevância, como inibidor da prática eventual de abuso obstétrico.

desafiado as "leis" da medicina... senti-me um bocado discriminada. Fez-me o toque e qual foi a minha tristeza quando afinal ainda tinha apenas 1 dedo de dilatação... aquelas contracções todas e não tinha evoluído absolutamente nada em relação às semanas anteriores!! Disse-me logo que estava muito no início, que provavelmente só ia nascer no dia seguinte e perguntou-me porque tinha ido para a maternidade... Não era suposto irmos com contracções de 5 em 5 minutos? É claro que me arrependi logo de ter ido, se soubesse tinha esperado mais tempo em casa... até tive medo de sugerir deixarem-me ir para casa, mas era isso q mais desejava naquele momento.

Lá me raparam os pelitos, vesti a tal bata e despedi-me do marido com um "até já" (sim, perguntei logo quando é q ele se podia juntar a mim, mas só umas 2 horas depois é q podia). Confesso que estava muito nervosa por estar nas mãos do hospital e saber que nada iria ser como eu desejava... mas pensava no meu filho e isso dava-me alento.

Tinha feito um plano de parto, mas nem o entreguei... já me sentia tão olhada de lado por ter rejeitado o internamento duas vezes que não quis estar a exigir coisas (se bem que no plano não exijo nada... sou bastante educada).

Depois do clister que administrei eu mesma (e não saiu nada, mas ninguém me ligou quando disse que já tinha evacuado poucas horas antes) levaram-me para uma salinha de dilatação cor-de-rosa toda gira e acolhedora, que permitia a privacidade da parturiente que lá estivesse. Fiquei contente por ficar com uma salinha só para mim! Só faltava o marido ao meu lado. Meteram-me logo a soro, claro! Era uma das coisas que tinha pedido no plano para não fazerem... mas pronto, o que lá meti não interessava agora! Estava a mentalizar-me que ali ia ter que me submeter aos métodos hospitalares. Ligaram-me ao CTG e fiquei sozinha na sala a ouvir o coração do meu rebento. Foquei todos os meus pensamentos nele. "Será hoje que te irei conhecer, filhote?" Novo toque... nada de evolução. Falaram em administrar a ocitocina já e eu rejeitei, dizendo que gostaria que as coisas evoluíssem sozinhas. Sugeriram-me andar pelos corredores para ajudar na dilatação, sugestão que eu aceitei de imediato! Os corredores estavam vazios, por isso foi-me permitido deambular por lá com o suporte do soro atrás. Chega o marido, yay! Mas como ele não podia estar na sala de dilatação sozinho, lá tive que voltar à cama para ele não ter que ir embora. Pouco depois chega o médico que iria ficar responsável pelo meu parto naquele dia... outro toque e nada de novo. Sugere de novo a ocitocina, tornei a declinar. Lá fez um discurso sobre o que era melhor, bla bla, 41 semanas de gravidez, bla, parto ainda no princípio, bla bla, contracções irregulares, vai demorar muito tempo, etc... disse-lhe q gostaria mesmo muito de

Comentário [mmq4]: Procedimentos hospitalares, normalmente protocolados, que propiciam o abuso obstétrico, pela insegurança e sentimento de fragilidade e submissão que geram na mãe.

Comentário [mmq5]: Atitude comum de vulnerabilidade, por receio de vir a ser alvo de qualquer forma de abuso, quer físico, quer verbal.

Comentário [mmq6]: Procedimento hospitalar inútil, normalmente protocolado, que propicia o abuso obstétrico, pela insegurança e sentimento de fragilidade e submissão que gera na mãe.

Comentário [mmq7]: Procedimento hospitalar injustificado nesta fase, normalmente protocolado, que propicia o abuso obstétrico, pela insegurança e sentimento de fragilidade e submissão que gera na mãe, a par da maior dificuldade de deambulação que o mesmo implica.

Comentário [mmq8]: Óbvio sentimento de submissão propiciador do abuso obstétrico.

Comentário [mmq9]: Exemplo prático do exercício do direito à recusa informada, inibidora da prática eventual de abuso obstétrico.

Comentário [mmq10]: Exemplo de prática respeitadora, contrária ao abuso obstétrico.

Comentário [mmq11]: Exemplo prático do exercício do direito à recusa informada, inibidora da prática eventual de abuso obstétrico.

experimentar ver como as coisas evoluíam naturalmente. “Mas não pode ficar aqui a ocupar a cama muito tempo, temos mais grávidas para entrar”... “e se eu fosse para casa e voltava amanhã?” “Ah, mas está de 41 semanas, é muito arriscado! Teria que assinar um termo de responsabilidade.” Devo ter feito uma cara triste, porque ele depois sugeriu algo que me surpreendeu: “e se se vestisse e deambulasse pelo recinto hospitalar? Tem a manhã e a tarde toda! Assim aproveita que já cá está internada, faz o CTG intermitente de hora e meia em hora e meia e logo se vê como a coisa evolui.” Aceitei a sugestão com um grande sorriso! Ainda havia esperança, yuppie! Achei muito simpático terem-me dado hipótese de escolha, agradei e disse q se não corresse bem aceitava a ocitocina. Foi pena ter que abandonar o quarto fixe... provavelmente quando voltasse já não teria direito a ele. Havia imensas grávidas para entrar.

Desligaram-me do soro... “posso comer?”, “sim, mas nada muito pesado nem derivados de leite. Apenas fruta, sumos, sopas e saladas”.

Cá fora passeámos, passeámos... eu e o marido, de mãos dadas. Às tantas já conhecíamos o espaço como a palma das nossas mãos. Que seca! Mas seguramente era melhor do que estar deitada numa cama quase sem me mexer, provavelmente durante um dia inteiro. Fomos à cantina almoçar... Lá comi uma coisa leve e a seguir fiz um pecado: comi um bocado de chocolate, yum!! Era um chocolate de leite da cote d’or. Recomendo! Aquele tinha sido comprado especialmente para me dar energia no parto, ihih!

Lá continuámos a passear, as contracções não evoluíam para nada mais forte... estavam exactamente iguais, com umas intensas de vez em quando. Lá ia fazendo o CTG, como combinado. Gostei de nunca me terem feito mais toques, só faziam se eu sentisse diferença nas contracções. Mas acontece que a tarde avançava e as contracções em vez de evoluírem pareciam regredir... Estavam mais espaçadas, menos intensas... estava a ver a minha vida andar para trás. O marido diz que muito possivelmente foi dos nervos todos. Não sei do que foi, é possível... mas sei que chorei. Chorei porque nada estava a correr como eu tanto desejava. Sentia-me meio encurralada. Não queria que me induzissem o parto, não queria ficar ali a noite toda, e não queria ir para casa. Quero dizer, querer, queria... mas não queria o que isso implicava: assinar outro termo de responsabilidade, cancelar o internamento, ir para casa cheia de dúvidas e muito possivelmente voltar no dia a seguir cheia de contracções e nada de dilatação outra vez. E mais caras a olharem de lado, quem sabe até com desdém.

Comentário [mmq12]: Exemplo de prática respeitadora, contrária ao abuso obstétrico.

Comentário [mmq13]: Exemplo de prática respeitadora, contrária ao abuso obstétrico.

Comentário [mmq14]: Exemplo de prática respeitadora, contrária ao abuso obstétrico.

Com muita conversa, muito pensar, finalmente decidimos... ou decidi eu, pois o marido deixou claro que a decisão final era minha: mais valia aceitar a indução. Não queríamos voltar para trás naquele momento. Mesmo que acabasse em cesariana, paciência. Iríamos até ao fim a partir dali, acontecesse o que acontecesse. Já tinha sido muito bom ter começado o trabalho de parto sozinha, sem a ajuda da ocitocina. Esta só iria ajudar a evoluir (ou não!) e até podia ser que corresse tudo bem, pensar positivo! Acima de tudo, queríamos o nosso filhote.

Às 4:30 da tarde voltei para fazer o CTG e disse que tinha decidido aceitar a ocitocina por a coisa não estar a avançar. A única diferença nas contracções é que me tinham apanhado as costas... Vesti de novo a bata e deitei-me na maca. Como era de esperar, as salas de dilatação estavam todas ocupadas, por isso fiquei cá fora no meio do vaivém do pessoal todo. Ligaram-me ao CTG, ao soro e à ocitocina, fizeram-me o toque (tinha evoluído para 3 dedos com as caminhadas, yuppie!) e foram à vida delas. Como não tinha sala privada, o marido não podia estar comigo. Nenhum acompanhante podia estar ali. Isso tornou as coisas ainda mais difíceis... Além de tudo, o meu amor não podia estar ali a dar-me a sua mão, a ajudar-me em cada contracção tal como tínhamos feito nas aulas de PPP. Sentia-me muito infeliz, sozinha, cheia de medo e muito pouco à vontade no meio da zaragata toda... Chorei em silêncio, a olhar pela janela as árvores ao vento. Deviam ser aí umas 6h da tarde.

Na sala de partos ouvi um parto a decorrer. Gemidos da mãe a fazer força, a equipa a incentivar a mamã e de repente um bebé a chorar pela primeira vez. Foi muito lindo de ouvir... mais uma vez foquei os pensamentos no meu filhote para me sentir melhor. A cada contracção fazia a respiração controlada que aprendi na PPP, pensando sempre que era uma contracção mais perto de o conhecer.

Não sei quanto tempo estive ali... mas, para meu alívio, apercebi-me que um dos quartos ia ficar vazio! A rapariga que lá estava teve que fazer cesariana de urgência. Passei eu para o quatinho. Não era tão fixe como o de manhã, pois só tinha cortinados a separar. Mas qualquer coisa servia desde que o meu amor se pudesse juntar a mim, finalmente! De repente toda eu era sorrisos e já não me sentia infeliz. Ele juntou-se a mim e quis oferecer-me chocolate; tinha-o trazido no bolso às escondidas, já meio derretido e tudo, ahahah. Agradei-lhe imenso o gesto, mas recusei... não sabia o que esperar dali para a frente e além disso tenho uma vaga ideia de que não devemos ingerir comida quando estamos ligadas ao soro... é verdade, não é?

Comentário [mmq15]: Exemplo de prática respeitadora, contrária ao abuso obstétrico: foi a parturiente que tomou a iniciativa do consentimento para que a indução tivesse início.

Entretanto as contracções iam aumentando de intensidade, com a ocitocina. Eram mais difíceis de suportar, mas suportei-as com a respiração e com o marido a fazer massagens nas costas. Eu sentada no penico e ele a massajar. Surge a enfermeira simpática que já me tinha atendido de manhã e disse que, com os dedos de dilatação que eu já tinha, podiam romper as membranas para acelerar o parto. Como já nada corria como eu desejava, cedi. Fez um bocado de impressão quando estavam a mexer lá dentro, mas a sensação das águas rebentarem e escorrerem pelas pernas foi algo de... agradável até. Pensei com uma estranha nostalgia que se tratava do líquido onde o meu menino esteve 41 semanas + 5 dias... agora jazia numa arrastadeira. Depois do rebentamento das águas, as contracções aumentaram bastante de intensidade e vinham com cada vez menos espaço entre elas. Respirar e aguentá-las estava a tornar-se mais difícil.

Novo toque... deviam ser perto das 8 da noite. 5 dedos de dilatação. Estava a evoluir bem! Mas eu ainda estava naquela... 5 dedos, bah! Lembrei-me das histórias que li de partos em que a dilatação parava nos 5 dedos e tinham que fazer cesariana. Eu já estava para tudo! As contracções foram-se tornando tão insuportáveis que eu mal recuperava o fôlego entre elas. Comecei a sentir-me tonta com falta de oxigénio. Elas eram mais fáceis de aguentar estando de pé, mas por causa das tonturas tive que me deitar. O marido olhava para o CTG e dizia quando vinha a próxima contracção. Dizia "prepara-te, vem aí outra". Mas já não dava para me preparar, mal respirava entre elas. Vinham muito seguidas e com muita intensidade. Pedi para reduzirem um pouco a ocitocina. Perguntaram-me se queria epidural, pois a anestesista estava prestes a dar uma volta por ali. Disse SIM! Queria aguentar para um possível parto natural, e se passasse para cesariana já estava anestesiada e não precisava de uma geral. Queria ver o meu filho assim que nascesse, desse por onde desse.

Veio a anestesista, o marido saiu e ela viu-se grega para me dar a anestesia. É q eu sentia as picadas todas a penetrarem-me as vértebras. Soltava uns "ais" e "uis" e ela afligia-se porque com a quantidade de anestésico que eu já tinha era suposto não sentir nada. Já pensava que ela não ia conseguir dar-me a epidural. Finalmente aquilo fez efeito e acho que consegui não sentir as últimas picadas. Depois ela saiu, e eu fiquei a sentir as contracções ficarem mais suaves até que deixaram de se sentir. Foi um alívio enorme, sem dúvida! Fiquei triste por ter levado a anestesia, mas já que nada daquilo era natural como desejava, levei o pack médico todo. Porque não? A tristeza deu lugar à alegria de não sentir aquelas dores horríveis. Se levarem indução, peçam epidural! O marido chegou e eu disse-lhe com um sorriso cansado "I'm in heaven". Ele sentou-se ao pé de mim, e começou a

Comentário [mmq16]: Embora consentido, este procedimento acabou por se concretizar com algumas lacunas de informação, nomeadamente no que respeita ao risco acrescido de infecção.

cabecear de sono. Eu também estava morta de cansaço e a anestesia provocou-me dormência no corpo inteiro, inclusive na cabeça... e uma comichão de cima abaixo que nem vos digo!! Eu coçava-me e ria-me, porque era uma comichão "engraçada". Nunca tinha sentido nada daquilo antes. Estava quase a dormir, mas decidi-me manter acordada pelo meu menino. Não era justo ele ter o trabalho todo enquanto eu dormia. Sabia sempre quando vinha uma contracção por causa dos batimentos cardíacos do bebé. Primeiro acelerava muito (tinha lido que os fetos entram em stress quando vem uma contracção) e depois desacelerava a um nível um bocado assustador, que é enquanto dura a contracção. Depois normaliza. Eu já tinha notado isso de manhã quando me ligaram ao CTG a 1ª vez. Assim, cada vez que vinha uma, eu respirava como se estivesse a sentir a contracção para ter a certeza que o bebé ficava bem oxigenado. E relaxava muito, muito, para ajudar na dilatação. Até abri as pernas e tudo, mesmo deitada de lado! Pousei uma perna dormente na grade da cama, e assim as mantive abertas. Não sei se isto tudo ajudou ou não, eu quero pensar que sim. É que depois dos 5 dedos aquilo evoluiu bastante rápido até aos 10 dedos. Nem queria acreditar!!

Estava a começar a sentir vontade de fazer cocó cada vez com mais frequência, mas não disse nada porque ainda não era uma vontade constante. Só que de repente vi duas enfermeiras a entreolharem-se e percebi que era por causa dos batimentos cardíacos do bebé, que estavam lentos frequentemente. Eu sabia que era das contracções mais frequentes e tive medo que elas achassem que o bebé estava em sofrimento e me mandassem para cesariana. Avisei logo da vontade de fazer cocó. Toque: 8 dedos!! Dali até aos 10 dedos foi num instante, nem me lembro de terem passado 10 minutos. Estávamos prontos! O meu menino vinha aí! Estava tão feliz!

Na sala ao lado outra grávida também estava nos 10 dedos! Ouvei dizer: "ok, quem está mais avançada?" - "Estão as duas!!" - "Elah, estes bebés querem mesmo nascer!" "Quem vai primeiro?" - "Pode ser esta menina" (eu - yuppieeee!)

Tiraram-me a epidural, mudaram-me de maca, e ainda meio dormente mal me lembro de ter sido transportada até à sala onde decorreu o parto. Só sei que de repente tinha muita vontade de fazer cocó e tive que fazer força. Fiz e atrapalhei-me um bocado com as dores do rasgão! Bolas! É verdade, deixaram rasgar e não fizeram episiotomia. Levei poucos pontos e a recuperação não custou nadinha!

Continuei a fazer força cada vez que vinha a vontade. Estava toda dormente, meia em êxtase do momento, e só ouvia o marido e o médico a dizerem "força, isso mesmo! Está quase! Já se vê a cabecita! É cabeludo!" etc! Isso ajudava-me a

suportar as dores e dava-me forças. De repente oiço um “NÃO faça força agora!” O meu rapazinho vinha com 3 voltas do cordão no pescoço! Não consigo imaginar como é q ele fez isso... que eu saiba só deu a volta uma vez, pensei que isso acontecesse quando eles viravam muitas vezes... Mas a equipa estava preparada para a eventualidade, e de repente já podia fazer força de novo para os ombros. Depois dos ombros veio aquela sensação de alívio estranha e deliciosa quando o restante corpo do bebé sai disparado para as mãos dos médicos. Às 10:45 da noite de dia 14 de Maio, ouvimos o lindo som dele a chorar pela primeira vez. Depositaram-mo na barriga de rabo virado para mim, enquanto lhe cortavam o cordão. “Meu filho, meu lindo menino!!!” - disse eu, emocionada, enquanto apreciava o rabinho do meu filho, a única coisa que ainda conseguia ver além dos delicados pezinhos! Acariciei-os... que coisa maravilhosa. Depois meteram-no nos meus braços durante uns breves momentos, e pude tocar, beijar e cheirar o meu filho pela primeira vez... É incrível como eles cheiram bem, mesmo com todos aqueles fluidos!! Uma vez li, não sei onde, uma mãe a dizer que adoraria poder ter guardado num frasquinho o perfume do filho naquele momento, para depois poder cheirar sempre que quisesse. Senti exactamente o mesmo. Cheirem os vossos filhos recém-nascidos assim que saem do útero! É delicioso.

Levaram-no para pesar, limpar e essas coisas, enquanto eu expulsava a placenta. Pedi para a ver... parece mesmo que fomos ao talho comprar fígado.

Trouxeram o filhote já vestido e enrolado na mantinha para os braços do pai, enquanto eu era cosida. Ele estava calmo e bastante desperto, já de olhinhos abertos! É natural, dado o tempo de gravidez. Mas era a coisa enrugada mais linda do nosso mundo. Éramos finalmente uma família de 3. Estávamos muito felizes! Um dia cheio de angústias acabou muito bem, muito melhor do que alguma vez esperei, dadas as circunstâncias e o medo que tive. **No final, o parto acabou por ser algo muito perto do que desejava.**

Lá fora ouvia-se o fogo de artifício a festejar o feriado da cidade, mas para nós foi como se festejassem o nascimento do nosso menino.

Comentário [mmq17]: A este facto não será alheio o envolvimento informado e activo da mãe em todo o trabalho de parto, que fez valer e viu respeitado por diversas vezes o direito à informação e consentimento, respeitantes a diversos actos clínicos.